



A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Izabel Cristina Pereira de Souza¹, Jaquelina Coelho Leoncini
Carvalho², Rosana Moraes Pereira³, Sueli Lopes dos Santos
Souza⁴, Thaís Leoncini Souto⁵

Resumo: O presente texto enfatiza a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem, e nas relações professor-aluno, apontando para o fato de que a afetividade pode determinar o sucesso ou fracasso da criança. Tratando o assunto de maneira ampla no contexto escolar, pretende-se levar o professor a refletir sobre sua prática. Esta relação afetiva é enfocada sob a ótica psicanalítica e piagetiana, pois, em ambas, a afetividade encontra-se muito presente quando se fala em desenvolvimento emocional e cognitivo. Sob a abordagem psicanalítica, a afetividade é vista como processo no qual o indivíduo que se sente amado constrói o seu *eu*, e descobre o prazer e o desejo de aprender. Sob a ótica piagetiana, ela se apresenta como fator fundamental, complementar e indissociável no desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Palavras chave: Afetividade, Processo ensino/aprendizagem, Relação professor-aluno.

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem registrando acelerada evolução no campo do conhecimento científico. Hoje, busca-se compreender o ser humano em sua totalidade.

No contexto educacional, não se pode formar uma criança sem considerar seus aspectos físicos, psicológico, social, como também sua interioridade afetiva e, portanto, as reais necessidades de alguém que tem sentimentos, desejos e necessita destes anseios para sobreviver e se constituir plenamente.

A relevância do papel do professor neste processo faz-se necessária para a promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social deste ser em construção. É, portanto, através da postura do professor, na dinâmica de sua aula que se desenvolve parceria e laços de confiança e amizade as quais determinarão a promoção da aprendizagem e o bom relacionamento entre professor/aluno.



Na sala de aula, alunos necessitam aprender, da mesma forma que o professor precisa ensinar. Se ambos desfrutarem de um ambiente tranquilo, acolhedor, propício à aprendizagem, todos ganham com essa vivência.

Se nesse espaço, o professor trabalhar desmotivado, sem afeição pelo seu trabalho, dificilmente ele proporcionará uma atuação de qualidade. Por outro lado, quando os alunos não se identificam com seus professores, e nem pela matéria oferecida, logo perderão o interesse e o desejo de aprender.

Diante destas questões que permeiam o contexto escolar, os profissionais da educação precisam ter um olhar sensível e vislumbrar um novo cidadão com anseios, sonhos e perspectivas de realização. Todavia, a proposta educacional deve compreender um currículo flexível, dinâmico e capaz de atender às necessidades desta clientela.

A sociedade mudou e, portanto, a escola precisa mudar. Antigamente, a escola era o único espaço de aquisição do conhecimento. Hoje, aprende-se em todos os contextos fora da escola e de maneira muito mais interessante.

O profissional competente é aquele capaz de interagir com a clientela de forma dinâmica que domine seus conteúdos e que apresente comprometimento com sua profissão, que saiba trabalhar com as adversidades.

Neste contexto, fica evidente a necessidade de o professor estabelecer uma conexão entre o sujeito e o objeto do conhecimento nas mais diferentes situações do cotidiano escolar.

O presente estudo propõe uma profunda reflexão aos educadores, no tocante à tarefa de ensinar. Ou seja, por intermédio do ensino, da ação educativa e da relação que se estabelece entre professor/aluno, haja vista a ampliação da aprendizagem nos setores cognitivos, afetivos e social com vistas à formação de um cidadão com visão de liderança, de participação e de intervenção no mundo.

Vale considerar a importância de se levar em conta o objeto da ação educativa, para que sua significação seja coerente com as possibilidades e peculiaridades de cada um, procurando atender suas reais necessidades, sem discriminações, criando um clima de liberdade de ação e protagonismo da sua própria aprendizagem, no sentido piagetiano de “aprender a aprender”.



ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AFETIVIDADE E INTELIGÊNCIA

Piaget (1998) demonstra que as estruturas do conhecimento estão em constantes modificações, passando por estágios de desequilíbrio, reequilíbrio para poder internalizar seu conhecimento. Sendo assim, a criança necessita de vivência qualitativa que possibilite esse intercâmbio de experiências e informações, conferindo uma aprendizagem significativa.

Quando a criança vai à escola, ela se apresenta com grandes expectativas em relação ao ambiente, ao conteúdo e, principalmente, pela figura do professor, aquele que irá mediar esse processo. Neste novo contexto, a percepção positiva de si e do outro é essencial para o desenvolvimento de vínculos e parcerias que irão nortear todo o processo.

Os PCNs defendem que, se a as primeiras experiências escolares forem bem sucedidas, o aluno construirá uma representação positiva de si mesmo como alguém capaz de aprender (BRASIL, 1997). E, se de outra sorte, o aluno perderá o interesse e a motivação para aprender.

Diante desta perspectiva, a afetividade é um dos principais fatores que irão nortear a prática educativa, como também possibilitar vivências enriquecedoras de aprendizagem (BRASIL, 1997). O aluno constrói conhecimento a partir de suas vivências, estabelece relações com o que está sendo oferecido na sala de aula quando este conteúdo tem significação prática.

Moreno (1999) ressalta a falta de educação afetiva na escola ou em casa, e o desconhecimento das formas de interpretação e de respostas adequadas perante as atitudes, condutas e manifestação emotivas das demais pessoas deixarão os alunos à mercê das mazelas sociais (a falta de referencial, o vício, a marginalidade, a ociosidade entre outros fatores que corrompem a juventude).

A partir disto, podemos pensar numa escola que forme cidadão capaz de atuar e transformar a realidade, no ser humano consciente de sua capacidade, como ressalta Saltini (2002), da sua consciência, da sua capacidade de transformação, que o ser humano possa encontrar satisfação nas relações estabelecidas com o outro em função da comunicação do seu desejo.



Piaget (1998) reforça que o principal objetivo da educação é criar homens capazes de inventar coisas novas e não criar meros repetidores de modelos pré estabelecidos. A meta deveria ser formar homens criativos, inventivos e descobridores; pessoas capazes de criticar, deduzir, analisar, refletir pessoas livres e autônomas.

EDUCAÇÃO, AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Para Freud (1914), o ser humano nasce com seu eu (sujeito psíquico) pronto, mas irá constituí-lo a partir de si e de suas relações sociais.

Os avanços da psicanálise fomentam o debate sobre a significação do mundo inconsciente e sua importância como suporte da inteligência não só operatória, mas principalmente figurativa e simbólica (SALTINI, 2002). Daí a importância da contribuição dos atores sociais na conjuntura desse processo.

Partindo do entendimento de que o sujeito só se desenvolve como sujeito a partir das relações sociais (professor/aluno, pai/filho entre outros sujeitos sociais) e, portanto, da qualidade dessas relações. Neste sentido, a escola deverá encarregar-se da promoção do desenvolvimento do conhecimento e das relações sociais.

Piaget (1998) em seus estudos considera o quanto o aspecto afetivo é importante em uma escola. Por exemplo, como acontece a identificação entre um aluno e seu professor.

Dos estudos da psicanálise começam a emergir novas conexões entre o somático e o simbólico. Isto é, as manifestações e contribuições do corpo via símbolos. Piaget (1998) enfatiza a unidade entre afetividade em nossas ações cotidianas. O ato de Inteligência pressupõe, pois, uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade). (PIAGET, 1977).

Sendo assim, o conhecimento torna-se parte da pessoa quando se encontra inserido no contexto vital, pois a vida se explica somente através de si mesma e busca explicação para si mesma (SALTINI, 2002).

Claparède (1954), citado por Saltini (2003), fala que, para falarmos de inteligência e afetividade precisamos nos referir também, e sempre, a emoção, as ligações e inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da



inteligência sem um desenvolvimento integrado por aquilo que nos desperta o interesse e prazer em realizar.

De acordo com o exposto, a proposta escolar deveria contemplar o ensino como algo instigante relacionado com a vida do educando e o que se deseja ensinar.

Paulo Freire (1996) diz ser necessária a reflexão sobre o homem e uma análise profunda do meio concreto, deste homem concreto a quem desejamos educar, ou melhor, a quem desejamos ajudar a educar-se. Professores não educam, ajudam as pessoas a se educarem e, ao ajudar, educam-se também. Assim como não existe educador e educando, pois ambos estão na mesma tarefa.

Segundo a psicanálise, a razão e emoção, consideradas no contexto escolar, contribuem para a solução de problemas na educação e na formação do professor. Nesta perspectiva, significa que o professor deve contemplar o aluno inserido num contexto social e plural diante das diversas expressões de sentimentos e emoções.

Goleman (1995) enfatiza a necessidade de se trabalhar a inteligência emocional do aluno para que este saiba gerir suas emoções e situações de conflito e, na resolução de problemas, saiba se relacionar com seus pares e encontre situações criativas na resolução de problema.

Wallon, dentro do princípio dialético, identifica a relação entre inteligência e uma das manifestações da afetividade a emoção (LA TAILLE, 1992). A relação entre ambas é de caráter dialético, pois, se, por um lado, não existe nada no pensamento que não tenha surgido das primeiras sensações, por um lado, a luz da razão dá às sensibilidades um novo conteúdo.

É de se notar que, entre emoção e a atividade intelectual existe interdependência, mas também oposição, pois, ao mesmo tempo que estão presentes na unidade do desenvolvimento, a emoção se esvai diante da atividade intelectual. É natural sermos surpreendidos por surtos emotivos não sabendo agir racionalmente. Neste momento, percebe-se a ausência de interconexão entre a emoção e a razão.

Heloyza Dantas (1992) fala sobre a possibilidade de haver etapas de desenvolvimento da afetividade, pois parece propor uma evolução da afetividade que se inicia nos primeiros dias de vida e se prolonga no processo de desenvolvimento, se diferenciando de maneira distinta sob a influência do meio social.



No contexto escolar, ou seja, desde a educação infantil, estas manifestações vão aparecendo em períodos diferentes e vão incorporando as conquistas realizadas no domínio cognitivo, modificando suas formas.

Na escola, a criança precisa do amor e do reconhecimento do professor (substituto simbólico dos pais), precisa encontrar nele o prazer de aprender (KUPFER,1989).

Esta relação professor-aluno, o desejo de ensinar e o modo como o professor reconhece e aceita a criança como ser único e singular serão importantes nesse processo. Já aquela criança que encontra um professor preconceituoso em relação a ela, que a desvaloriza, que não reconhece suas qualidades e que não investe nela, estará contribuindo para que esta criança perca o prazer de pensar e o desejo de aprender.

Assim como o professor não investe nela, ela não investe nos estudos e, futuramente, poderá investir em outras atividades que não são socialmente aceitas.

Na instituição escolar, o professor é fonte privilegiada ao proporcionar satisfação ou sofrimento ao aluno, mas o aluno também pode ser fonte de satisfação ou sofrimento ao professor, no tocante à realização e no desempenho de suas atividades. Nesse processo, ao ser reconhecido ou não pelos alunos, sua satisfação está nas respostas que os alunos dão às tarefas realizadas. Desta forma, haverá uma reciprocidade nas relações estabelecidas entre professor/aluno.

É importante salientar que afetividade não é apenas demonstração de afeto, carinho. Fazem-se necessários compromisso e ética profissional, além dessa reciprocidade, que haja uma prática pedagógica pautada no respeito, na autoridade humana, e no estabelecimento de limites, de modo que o professor contribua com o desenvolvimento e fortalecimento do *eu* do educando, para que ele desenvolva auto-estima, confiança, respeito em si e ao outro (VIOLANTE, 1995).

Enfim, a criança só pode desenvolver o seu eu, só investirá no desejo de aprender, se o adulto (pais e professores) investir no seu potencial e reconhecer seu valor, sendo assim, ela se fortalecerá.

A psicanálise estuda a constituição do sujeito, do inconsciente e, se as funções cognitivas crescem, evolui, o sujeito se constitui.



Na abordagem psicanalítica, o aprender envolve a relação professor-aluno, pois aprender é aprender com alguém. De posse dessa premissa, o professor passa a ter uma forte influência sobre o aluno, pois ele, agora, é a referência do conhecimento.

Segundo a psicanálise, o que falta para as pedagogias modernas é a consideração em assuntos como: frustração, agressividade, conflito. A relação do professor com seu aluno depende fundamentalmente de sua maturidade afetiva na qual saberá promover vínculos respeitando a individualidade e as necessidades de cada aluno. “Todas as amizades e vinculações amorosas ulteriores são relacionadas sobre a base primitiva tenha deixado” (FREUD, 1914, p. 1893).

Segundo Violante (1995), muito da “dificuldade de aprender” deve-se à falta de investimento do *eu* na sua própria atividade do pensar. Isto porque *a atividade de pensar* da criança pode não ter sido reconhecida, ou ninguém ter investido nela.

Piaget, in Kupfer (1997), conclui enfatizando a necessidade de se romper a tradicional dicotomia existente entre afetividade e inteligência, mostrando o quanto é problemático do ponto de vista teórico, dizer que a afetividade é orientada e causada pela inteligência ou, o contrário, presumir que a inteligência dirige a afetividade. Isto significaria não compreender que toda a conduta é uma e, portanto, pressupõe inteligência e afetividade em constante interação e interdependência, transformando-se e desenvolvendo-se durante a organização progressiva das condutas.

Assim como Piaget, Wallon mostra-nos em seus escritos, compartilhar da ideia de que emoção e razão estão, intrinsecamente, conectadas (1986).

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

É necessário partir da concepção de que toda ação educativa se faz através de um processo dinâmico e, como tal, requer a sua construção. Neste processo, devem ser considerados as relações entre aspectos afetivos e cognitivos, entre fenômenos científicos e cotidianos para que seja significativo na vida do educando e, consequentemente, para um psiquismo saudável.

A aprendizagem afetiva é aquela em que o aspecto afetivo-emocional participa mais ativamente no processo da aprendizagem, como que estados de aceitação, não



aceitação ou de expectativa com relação a algo, não deixando, no entanto, de haver participação cognitiva (NÉRICI, 1985).

Algumas reflexões sobre a psicologia escolar, (FREUD, 1914), afirma que a aquisição de conhecimento depende da relação do aluno com seus professores e seus colegas, numa referência à relação transferencial que faz com eles, enquanto representantes de seus pais e irmãos. Em suas palavras: “... é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (p. 286).

Outra consideração importante encontrada nos textos freudianos aponta para o papel da educação como auxiliar da sublimação sexual (já que seus argumentos afirmam que a curiosidade intelectual é derivada da curiosidade sexual). Quanto a essa última referência, devemos ter em mente que esse desvio pulsional necessário não deve ser excessivo e chegar a inibir o sujeito do desejo, mas canalizar a energia sexual para outras atividades socialmente aceitas.

Kupfer (2001) admite que é possível conceber uma educação orientada pela psicanálise. Propõe, assim, a “educação terapêutica” como “conjunto de práticas interdisciplinares de tratamento, com especial ênfase nas práticas educacionais, que visa à retomada do desenvolvimento global da criança”.

Por sua vez, na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento (LA TAILLE, 1992). Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora.

O processo de desenvolvimento realiza-se nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem pautar-se pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho permitiu compreender que os aspectos afetivos presentes nas interações entre professor e aluno, no processo ensino aprendizagem,



contribuem na aquisição do conhecimento à medida que as relações construídas conferem sentimentos de confiança e espontaneidade em ambas as partes.

A carga positiva afetiva dos vínculos construídos entre educador e educando sustenta o processo de aprendizagem à medida que possibilita a abertura mútua para as novas descobertas através da empatia, total confiança e sentimentos de amizade.

Ao longo da história, a educação baseou-se no controle e desenvolvimento cognitivo, isolando ou não dando tanta importância à questão do desenvolvimento afetivo.

A teoria construtivista defende a produção de conhecimento alicerçada sobre bases sólidas que reúnem importantes fatores: a maturação física e neurológica e as experiências ricas e significativas com o mundo físico e social.

A afetividade manifestada num clima de acolhimento, ternura, empatia, gosto, desejo, inclinação e compreensão enriquecem as interações e trocas, facilitando a linguagem comunicativa entre os “sujeitos”, donos de ação e promovendo o desenvolvimento de suas potencialidades de forma integral.

Desta forma, o estudo da afetividade, no contexto educacional, pretende compreender a relação professor-aluno, permeada pela participação ativa de ambos, envolvendo acordos e desacordos. Através dessa troca, a criança constrói sua visão de mundo, baseada nos sentimentos, valores e significados que apreende do meio e especificamente na escola.

Diante da discussão até aqui apresentada, fica clara a necessidade de construirmos um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção dissociada, relegando os aspectos afetivos e emocionais a segundo plano.

O presente artigo é apenas o início de uma reflexão parcial deste tema que servirá de base para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.R.S. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus. 2001.

LA TAILLE, Yves de et al. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias *psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.



FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira Summus, 1992.

_____. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. 370p.

KUPFER, Maria Cristina. *Freud e educação: o mestre do impossível*. S.Paulo: Scipione, 1989.

_____. Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. *Ideias*. S. Paulo, nº28, p 175-191, 1997.

_____. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta 2001.

PIAGET, J. . *A formação do símbolo na criança*. (A. Cabral e C. M. Oiticica, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. (Original publicado em 1945).

_____. *Psicologia da inteligência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1986.

SALTINI, C.J.P. *Afetividade Inteligência: a emoção na educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIOLANTE, Maria Lúcia V. *Sobre a atividade de pensar*. *Ideias*. S.Paulo. nº 28, p 193-209, 1997.

¹Licenciatura plena em Pedagogia pela FIU- Pereira Barreto, 1994.

²Licenciatura plena em Educação Artística pela UNOESTE- Presidente Prudente, 2005.

³Licenciatura plena em Pedagogia pela UNIDERP, 2008.

⁴Licenciatura plena em Ciências pela FIU- Pereira Barreto, 1994, Licenciatura plena em Pedagogia pela mesma instituição, 2004.

⁵Licenciatura plena em ciências Biológicas pela UFMS- Três Lagoas MS, 2001